



Data: 30.10.2013

Título: "Somos bipolares com a agricultura e em risco de euforia"

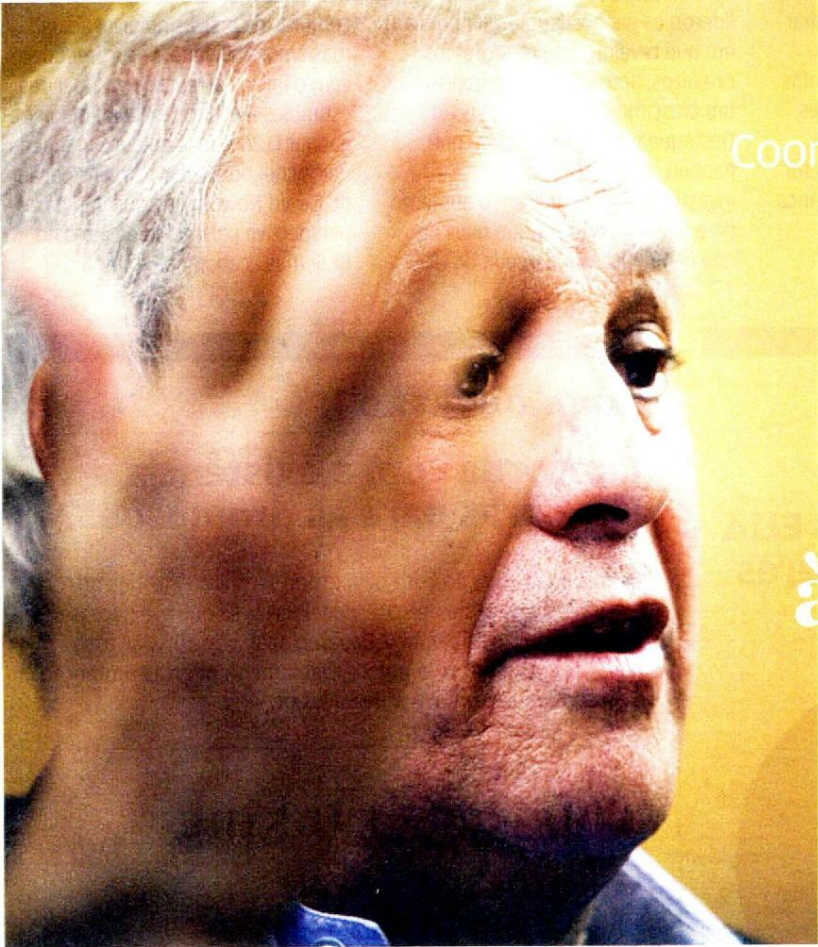
Pub: JORNAL DE
negócios

Tipo: Jornal Nacional Diário


clipping
consultores

Secção: Nacional

Pág: 1;4;5



Francisco Aveliz
Coordenador do grupo de peritos
para a reforma da PAC

**“Somos
bipolares
em relação
à agricultura”**

Primeira Linha 4 a 7

O consultor do Governo alerta para
o risco de a euforia actual sobre
o sector ser negativa.

Área: 1481cm² / 53%

Tiragem: 16 981
FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 4655148

FRANCISCO AVILLEZ, COORDENADOR DO GRUPO
DE PERITOS PARA A REFORMA DA PAC

“Somos bipolares com a agricultura e em risco de euforia”

A actual visão eufórica, como anterior visão depressiva, com que Portugal olha para a sua agricultura é negativa para quem quer tirar rendimento da terra, alerta Francisco Avillez

ISABEL AVEIRO

ia@negocios.pt

É no valor acrescentado da produção agrícola nacional, não no défice alimentar ou no aumento das exportações, que deve estar centrado o debate sobre o futuro do sector, defende Francisco Avillez, coordenador do grupo de peritos para a reforma da Política Agrícola Comum (PAC) pós-2013. O Governo apresenta hoje as linhas mestras do Programa de Desenvolvimento Rural do Continente para 2014-2020.

Há dias, numa conferência, defendeu que somos bipolares na Agricultura e que estamos numa fase eufórica. Porquê eufórica, porque não corresponde à realidade?

Nós, os portugueses, somos um bocadinho bipolares, em tudo, mas em relação à agricultura há muito esse comportamento. Na altura em que as coisas não estão a correr tão bem, entra-se numa depressão total. Quando as coisas começam a ter sinais mais positivos de repente corre-se o risco de se ficar numa completa euforia. Quando se começa a entrar numa fase, que é um bocadinho a fase actual, em que a agricultura está melhor que os outros sectores, temos um bocadinho tendência para exagerar no sentido contrário. E tenho vindo a alertar para essas exageradas expectativas que se criou em torno do sector, porque

tanto um como outro são muito negativos para os agricultores – tão depressa os enterram e dão-lhes cabo da auto-estima, como criam expectativas que não são reais.

Estariamos melhor ou pior sem os fundos comunitários?

Não tenho dúvidas que estaríamos pior. Porque dificilmente teríamos conseguido apoiar um conjunto de transformações que a nossa agricultura necessitava. Agora, se foram as transformações, todas elas, as mais adequadas... eu, neste momento, estou convencido que, no que diz respeito ao crescimento do valor acrescentado agrícola [VAB], podíamos ter feito melhor do que fizemos.

Alertou recentemente que o contributo do VAB da agricultura para o PIB teve evolução negativa desde os anos 90.

O contributo em si não é muito estranho ter vindo a diminuir, porque felizmente o resto da economia cresceu. A questão não é tanto o peso que tem, é mais que ao olhar para a evolução do valor acrescentado do sector agrícola – enquanto ele, sobretudo numa primeira fase, foi muito positivo, a preços correntes – foi sempre decrescente em preços constantes. Ou seja, em valor melhorámos a nossa situação, sobretudo até meados dos anos 90, depois começou a decrescer. Mas chegámos ao fim, ain-

da assim, com um resultado mais positivo do que tínhamos à partida. A preços constantes, em volume, vimos o nosso valor acrescentado praticamente sempre a decrescer, com tendência sempre, sempre negativa.

E a que é que se deve isso?

Essa é a questão. Em termos de contas é fácil dizermos que isto resultou de ter diminuído muito a nossa superfície agrícola cultivada. Por outro lado, nas áreas que intensificámos, intensificámo-las fazendo crescer mais os “inputs” (fertilizantes, fitofármacos, sementes – que são fundamentais, têm de ser utilizados com conta, peso e medida) que utilizamos face ao valor da produção obtida. Houve, uma extensificação exagerada e, por outro lado, uma intensificação que teve uma base pouco eficiente do ponto de vista do uso dos factores. Enquanto não conseguirmos melhorar o fundo de fertilidade dos solos, não conseguirmos aumentar a sua capacidade de retenção de água, não conseguirmos melhorar a sua estrutura, não podemos depois ter resultados.

E isso faz-se como?

Tem que ver com o modelo tecnológico. Até agora temos estado sempre a dizer que o nosso problema é de preço, de mercados ou de estruturas. Também é, obviamente.



Data: 30.10.2013

Título: "Somos bipolares com a agricultura e em risco de euforia"

Pub: JORNAL DE
negócios

Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 1;4;5


clipping
consultores

Mas é muito um problema tecnológico. No caso da agricultura há um modelo tecnológico que parece estar errado: as quantidades de "inputs" que são necessárias para produzir uma unidade de produto final são cada vez maiores. O valor acrescentado que se gera por cada unidade final tem sido cada vez menor. Como é que a gente consegue produzir mais utilizando menos "inputs"? Como é que se consegue aumentar o valor acrescentado? Não tem uma resposta imediata. Há que esperar, seis, oito ou 10 anos para a resposta. E, hoje em dia, quer os empresários, quer os políticos têm sempre um raciocínio de muito curto prazo. A resposta é mais fácil, em certa medida, abandonando, porque essas coisas demoram tempo. E também porque demos uma resposta que contrariou isto, que foi apoiar a pecuária extensiva.

E isso foi errado?

Em parte percebe-se, porque no fundo se ela não existisse então o abandono ainda era muito maior. Mas o facto de nós termos prémios às vacas aleitantes, aos ovinos e caprinos, levou a que as pessoas resolvessem esta questão optando por isto. Acabámos por cair numa situação completamente irracional – transformámos na principal receita aquilo que devia ser a principal despesa. Porque a principal despesa é a vaca, as receitas são os vitelos e os novilhos. Como subsidiámos a vaca aquilo que interessa ao produtor é ter

o maior número de vacas possível. Houve uma redução grande da produção, o que é um absurdo, quando a gente devia transpor isto numa ajuda à produção. Mas não foi uma ajuda à produção.

O período de 2007-2013 criou, também por causa da alta das matérias-primas, um foco grande na agricultura como redutora do défice alimentar do país. Desse ponto de vista, estamos melhor?

Primeira coisa: a nossa dita dependência alimentar não é muito daquilo que a comunicação social e alguns comentadores dizem nas televisões, que temos uma dependência a 70% – é exactamente o contrário. Temos um grau de auto-suficiência alimentar no conjunto da agricultura, da floresta e das agro-indústrias de 80% e tal. E no caso do sector agro-alimentar quase 80%. E tem vindo a melhorar. Essas coisas não melhoram de um dia para o outro. São uma evolução. Há sectores onde temos de pensar que nunca vamos conseguir ter melhorias de auto-suficiência.

Os cereais, por exemplo?

Os cereais, porque não temos condições para isso. Teríamos condições para isso se tivéssemos completamente protegidos – que é muitas vezes o que as pessoas argumentam por estarmos na Europa. Nós deixámos de poder ter os preços necessários para rentabilizar a produção de cereais. Mas nessa altura não estávamos na Europa nem estávamos em

lugar nenhum. O objectivo de garantir a auto-suficiência alimentar no final deste próximo período é um objectivo que não diz nada. A gente tem de ter por objectivo fazer crescer o valor acrescentado nacional de uma forma sustentável.

Temos um grau de auto-suficiência alimentar no conjunto da agricultura, da floresta e das agro-indústrias de 80%.

A perspectiva empresarial aumentou extraordinariamente [no sector]. As pessoas hoje em dia conhecem os mercados, as cotações, jogam no mercado de futuros.

Área: 1481cm² / 53%

Tiragem: 16.981

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 4655148



Data: 30.10.2013

Título: "Somos bipolares com a agricultura e em risco de euforia"

Pub: JORNAL DE
negócios

Tipo: Jornal Nacional Diário


clipping
consultores

Secção: Nacional

Pág: 1;4;5

“Temos apostado muito no ‘hardware’, temos agora de apostar no ‘software’”

Houve desperdício no investimento em capacidade instalada a mais em certos sectores. E o apoio ao rendimento pode “acomodar”

O período de 2007-2013 foi perdido? O único ministro da Agricultura que criticou publicamente foi Jaime Silva.

Mas por motivos diferentes. Não teve tanto que ver [com o ProDer]. A apreciação que se faz do ProDer muitas vezes é um bocado viciada pelas relações muito difíceis que se criaram entre o ministro e as organizações de produtores, com muita culpa por parte do ministro. Eu até o conhecia bem, o que eu achei é que ele teve uma atitude errada relativamente à maneira como abordou o sector, as organizações, a reformulação do ministério, etc.

Mas o que aconteceu com o ProDer...

É que atrasou-se muito. O ProDer, com pretensões que eram louváveis, de ter uma visão muito mais integrada das componentes económica, social e ambiental, tornou-se complicado na sua avaliação, porque obrigou a muitos critérios. Houve uma série de coisas que depois, com o António Serrano, foram alteradas – porque também alterou muito a ligação com os agricultores, com um tipo de atitude completamente diferente, e porque procurou simplificar ao máximo muitas coisas. Não se pode dizer que há coisas perdidas, neste período fizemos um investimento muito significativo em adegas, lagares de azeite, na instalação de estufas, em olivais, etc, que são coisas que ficam. Hoje, o desempenho das fileiras olivícola e horto-frutícola é notável. Isso tem que ver com os

próprios empresários e iniciativas empresariais, mas houve muitos apoios muito significativos sem os quais se calhar essas decisões não tinham sido tomadas, ou não com a dimensão que foram. Se calhar, depois, também houve alguns exageros nessa área: criámos mais capacidade instalada de adegas e lagares, etc., etc., que se calhar era escusado. Nunca se pode evitar que um investidor decida que quer fazer uma adega na sua exploração, se calhar pode-se é evitar apoiar, no sentido de dinheiros públicos, aquelas que já têm capacidade instalada a mais.

Houve desperdícios?

É capaz de ter havido algum. Mas se olharmos à nossa volta, foi isso que se fez em todos os sectores. Fazemos auto-estradas e rotundas a mais, ginnodesportivos em todo o lado, e piscinas muito simpáticas – se calhar, olhando agora para trás, tínhamos outras formas de utilizar aquele dinheiro.

Muito mais racionais?

E muito mais produtivas. Isso foi feito também um bocadinho na agricultura. E com o mesmo tipo de vícios: continuarmos a apoiar muitas vezes investimentos que não eram propriamente inovadores, nem de aumento de eficiência. Eram de substituição aos que já existiam, o que é um subsídio. E as agro-ambientais acabaram muitas vezes por ter formulações em que em última análise o efeito que tinham era melho-

rar o rendimento dessa cultura, e não tanto a questão ambiental. O problema é que isso leva a que as pessoas se acomodem naquilo que estão a fazer. Ou que não mudem ou não procurem constantemente conseguir fazer as mesmas coisas com cada vez maior eficiência.

Há menos lógica de rentabilidade do negócio na agricultura por haver esse género de apoios?

Há. É mais fácil as pessoas acomodarem-se. Se bem que a perspectiva do ponto de vista empresarial aumentou extraordinariamente. As pessoas hoje em dia conhecem os mercados, as cotações, jogam no mercado de futuros. Têm um tipo de atitude completamente diferente. Quando falo contra a euforia não é nada porque tenha uma visão negativa do que aconteceu ou do que venha a acontecer. Acho é que temos apostado muito no “hardware”, no apoio ao rendimento. Temos agora é de apostar claramente no “software” e a levar a que tudo aquilo que sejam ganhos de rendimento seja sobretudo porque há ganhos de eficiência e não porque é dado dinheiro. Claro que o dinheiro é relativamente fácil quando vem de Bruxelas a 85% ou até a 100%. Só que já percebemos que eles a certa altura pegam numa régua e dão-nos uma reguada porque a gente usa mal. E neste momento estamos a levar reguadas em todo o lado.

Área: 1481cm² / 53%

Tiragem: 16.981

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 4655148

PERFIL

O ECONOMISTA AGRÁRIO QUE TAMBÉM É AGRICULTOR

Se o sector da agricultura fosse tão propenso a títulos de "gurus" e "oráculos", como a gestão empresarial e os mercados financeiros, Francisco Avillez já teria recebido um cognome desse género há muito. Professor do departamento de Economia Agrária e Sociologia Rural do Instituto Superior de Agronomia (ISA), onde foi professor entre 1993 e 2008, coordenador do grupo de peritos para a reforma da PAC pós-2013 e coordenador científico e sócio fundador da Agro.ges - Sociedade de Estudos e Projectos, além de consultor de várias entidades públicas e privadas, Francisco Avillez especializou-se no estudo da agricultura nas últimas três décadas. Nascido em 1945, licenciou-se em Engenharia Agrónoma, tem pós-graduação em Economia e Desenvolvimento Rural e doutoramento em Economia Agrária. Quando fala sobre a evolução das ajudas da PAC e da distorção que os subsídios causaram na lógica da rentabilidade económica, apressa-se na salvaguarda: "Não tenho nada contra o rendimento dos agricultores - aliás, eu também sou agricultor".

